

Educação Financeira Percebida e Perfil do Investidor um estudo com estudantes do ensino superior no Rio de Janeiro

Rafael de Souza Muguet¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1845-2143>

RESUMO

A crescente complexidade dos mercados financeiros e a relevância das atitudes comportamentais na tomada de decisões econômicas reforçam a necessidade de compreender como a autopercepção de conhecimento financeiro influencia o comportamento de investidores iniciantes, sobretudo entre estudantes universitários em fase de formação de sua identidade financeira. Neste contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar os fatores que contribuem para eventuais discrepâncias entre a autopercepção do conhecimento financeiro e as decisões de investimento efetivamente realizadas por estudantes do ensino superior, verificando em que medida essa percepção, aliada a fatores sociodemográficos e comportamentais, explica a coerência entre o perfil de investidor declarado e as escolhas reais de produtos financeiros. Para tanto, realizou-se um estudo de caso de abordagem quantitativa e descritiva com 118 estudantes de cursos de negócios de um Centro Universitário da zona norte do Rio de Janeiro, cujos dados, coletados por meio de questionário estruturado, foram analisados com estatísticas descritivas, correlação de Spearman e modelo de regressão logística ordenada (logit ordenado generalizado), com cálculo de efeitos marginais. Os resultados demonstraram que a educação financeira percebida é estatisticamente significativa para explicar o perfil de investidor, reduzindo a probabilidade de perfil conservador e aumentando a de perfil arrojado, uma vez que estudantes com maior autopercepção de preparo financeiro tendem a adotar posturas mais arrojadas e a diversificar mais os investimentos, enquanto níveis menores de autoconfiança favorecem opções conservadoras. Conclui-se que a autopercepção de conhecimento financeiro constitui fator determinante para o alinhamento entre o perfil de investidor declarado e as práticas efetivas de investimento entre universitários, sugerindo que políticas de educação financeira devem contemplar tanto aspectos objetivos quanto subjetivos do aprendizado.

Palavras-chave

Educação financeira percebida; Perfil do investidor; Universitários.

Submetido em: 21/07/2026 – Aprovado em: 24/08/2026 – Publicado em: 24/08/2026

¹ Mestre em Administração – Universidade Estácio de Sá (UNESA); Especialista em Finanças – Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: rafaelmuguet@hotmail.com.



Perceived Financial Literacy and Investor Profile

a study with higher education students in Rio de Janeiro

ABSTRACT

The growing complexity of financial markets and the relevance of behavioral attitudes in economic decision-making highlight the need to understand how perceived financial knowledge shapes the behavior of novice investors, particularly among university students still forming their financial identity. Against this backdrop, the present study set out to analyze the factors contributing to potential discrepancies between perceived financial knowledge and the investment decisions actually made by higher education students, assessing to what extent this perception, combined with sociodemographic and behavioral factors, explains the consistency between the declared investor profile and actual financial product choices. A quantitative, descriptive case study was therefore conducted with 118 business students from a university center in the northern zone of Rio de Janeiro, whose responses to a structured questionnaire were analyzed through descriptive statistics, Spearman correlation, and a generalized ordered logit regression model, with marginal effects estimation. The findings show that perceived financial literacy is statistically significant in explaining investor profile, reducing the probability of a conservative profile and increasing that of a bold profile, since students with higher self-perceived financial preparedness tend to adopt bolder positions and diversify their investments more, while lower self-confidence favors conservative choices. It is concluded that perceived financial knowledge is a determining factor for the alignment between the declared investor profile and actual investment practices among university students, suggesting that financial education policies should address both objective and subjective dimensions of learning.

Keywords

Perceived financial literacy; Investor profile; University students.

1 INTRODUÇÃO

A crescente complexidade dos mercados financeiros e a instabilidade econômica global impõem novos desafios à gestão das finanças pessoais no Brasil, sobretudo entre os jovens que ingressam no ensino superior. Nesse cenário, importa compreender de que modo fatores cognitivos e comportamentais, como a percepção de conhecimento financeiro, influenciam a tomada de decisões de investimento (RIBEIRO et al., 2021; SARTI; DE OLIVEIRA; BESSA, 2020). O avanço das tecnologias e o acesso facilitado a diversos instrumentos financeiros ampliaram as oportunidades, mas também intensificaram os riscos e as incertezas associados às escolhas econômicas dos indivíduos (FERREIRA-SCHENK; DICKASON-KOEKEMOER, 2023).

A literatura especializada indica que a autopercepção sobre a própria educação financeira pode exercer impacto decisivo sobre o perfil de risco adotado por investidores iniciantes, configurando-se, por vezes, como variável mais determinante que o conhecimento técnico formal (AMONHAEMANON, 2023; BITTENCOURT et al., 2018). No ambiente universitário, esse fenômeno é ainda mais expressivo, pois estudantes encontram-se em fase de formação de identidade financeira e enfrentam o desafio de transitar entre dependência familiar e progressiva autonomia nas decisões econômicas (DALPIÁS; CARITÁ, 2023).

Observa-se, contudo, um descompasso recorrente entre a percepção subjetiva de preparo para investir e as práticas efetivamente adotadas, o que pode gerar distorções nas estratégias de alocação de recursos, predominando alternativas conservadoras mesmo entre aqueles que se percebem como moderados ou arrojados (ZHAO; ZHANG, 2021). Identificar e compreender tais incongruências é fundamental tanto para o aprimoramento das políticas públicas de inclusão financeira quanto para o delineamento de programas educacionais adaptados à realidade dessa população.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar os fatores que contribuem para eventuais discrepâncias entre a autopercepção do conhecimento financeiro e as decisões de investimento efetivamente realizadas por estudantes universitários, verificando em que medida o nível de educação financeira percebida, aliado a fatores sociodemográficos e comportamentais, determina a coerência (ou a ausência dela) entre o perfil de investidor declarado e as escolhas concretas de produtos financeiros.

Para tanto, adotou-se abordagem quantitativa e delineamento descritivo, com aplicação de questionário estruturado a discentes de cursos de negócios de uma instituição universitária da zona norte do Rio de Janeiro. Os dados foram submetidos a análises estatísticas voltadas ao exame de associações e efeitos marginais entre variáveis categóricas e ordinais, possibilitando uma leitura mais precisa da dinâmica investigada, cujos fundamentos teóricos são detalhados na seção seguinte.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O perfil do investidor representa um conjunto de características pessoais que direcionam as decisões de alocação de recursos, levando em consideração, principalmente, a tolerância ao risco, os objetivos financeiros e o horizonte temporal das aplicações. A identificação desse perfil constitui etapa essencial para a construção de uma carteira de investimentos compatível com as características individuais de cada investidor (SARTI; DE OLIVEIRA; BESSA, 2020), servindo ainda como orientação prática ao compatibilizar expectativas de retorno financeiro com a estabilidade emocional necessária diante das oscilações do mercado (DARMAYANTI et al., 2022).

A literatura especializada categoriza os investidores, usualmente, em três perfis principais: conservador, moderado e arrojado. O investidor conservador prioriza a segurança do capital, optando por ativos de menor risco e volatilidade reduzida, ainda que isso implique retornos limitados, comportamento refletido na escolha por caderneta de poupança, títulos públicos e certificados de depósito bancário (CDB), que oferecem previsibilidade e baixo risco (DARMAYANTI et al., 2022; DE FAVERI; PINTO, 2023). Investidores moderados, por sua vez, aceitam determinados níveis de risco em busca de rentabilidades superiores, diversificando suas carteiras com fundos multimercado, debêntures e fundos imobiliários, e apresentando, via de regra, conhecimento intermediário em finanças e maior abertura à aprendizagem de novas estratégias (PAIVA et al., 2020; TEIXEIRA et al., 2023). Já o perfil arrojado caracteriza-se pela disposição a enfrentar elevados níveis de risco em busca de retornos mais expressivos, investindo habitualmente em ativos altamente voláteis, como ações de baixa capitalização, criptomoedas e derivativos, com maior domínio técnico e resiliência emocional frente às oscilações de mercado (TEIXEIRA et al., 2023; PAIVA et al., 2020).

Quadro 1 – Perfis de investidores e sua propensão ao risco

Perfil do Investidor	Características Principais	Propensão ao Risco	Exemplos de Produtos Preferidos
Conservador	Prioriza a segurança e estabilidade do capital; evita oscilações	Baixa	Poupança, CDB, Tesouro Selic, LCI/LCA
Moderado	Busca equilíbrio entre risco e retorno; aceita oscilações moderadas	Média	Fundos multimercado, debêntures, fundos imobiliários
Arrojado (ou Agressivo)	Foca em maior rentabilidade e aceita alta volatilidade	Alta	Ações, criptomoedas, derivativos, ETFs de renda variável

Fonte: Adaptado de Paiva et al. (2020); Teixeira et al. (2023); Darmayanti et al. (2022); De Faveri e Pinto (2023).

O quadro 1 evidencia distinções fundamentais entre os perfis de investidor quanto à propensão ao risco, às preferências de produtos financeiros e às características comportamentais predominantes: o perfil conservador destaca-se pela priorização da segurança do capital e pela forte aversão à volatilidade; o moderado busca conciliar preservação de patrimônio com oportunidades de retorno superior; e o arrojado manifesta disposição a enfrentar oscilações significativas, optando por ativos de renda variável. Esses padrões corroboram a literatura especializada, que associa tais preferências à autopercepção de conhecimento financeiro e a fatores subjetivos diversos (PAIVA et al., 2020; TEIXEIRA et al., 2023; DARMAYANTI et al., 2022; DE FAVERI; PINTO, 2023), reforçando a necessidade de adequar as estratégias de educação financeira às características de cada perfil.

Aspectos emocionais e cognitivos, como excesso de confiança, aversão à perda e viés de confirmação, também influenciam de modo decisivo o processo de tomada de decisão, por vezes conduzindo a escolhas inconsistentes com os objetivos financeiros de longo prazo (DE SENA COSTA; DE SOUSA CORREIA; LUCENA, 2019; FONSECA; SILVEIRA; HIRATUKA, 2020). Elementos de natureza demográfica e socioeconômica, como idade, estado civil, renda e experiência de mercado, também exercem influência significativa na definição do perfil de risco: a tolerância tende a diminuir com o avanço da idade, ao passo que indivíduos mais jovens manifestam maior inclinação a assumir riscos, sobretudo diante de um horizonte de longo prazo (MONTEIRO; BRESSAN, 2021; SILVA et al., 2023).

No contexto dos estudantes universitários, observa-se a prevalência do perfil conservador: muitos se autoavaliam com nível intermediário de conhecimento financeiro e preferem aplicações como a poupança, motivados pela preservação do capital e pela falta de experiência prática com investimentos mais arriscados (DALPIÁS; CARITÁ, 2023). Ainda assim, nota-se uma tendência de ampliação do interesse por estratégias moderadas entre os que têm maior contato com conteúdo de educação financeira, já que a exposição ao conhecimento teórico e prático pode estimular a transição para perfis de risco menos conservadores (PAIVA et al., 2020; TEIXEIRA et al., 2023).

2.1 Educação Financeira Percebida e Escolha de Produtos de Investimento

A educação financeira percebida refere-se à autopercepção do indivíduo quanto ao seu nível de conhecimento sobre a administração das finanças pessoais, investimentos e planejamento financeiro (AMONHAEMANON, 2023). Essa percepção exerce influência direta sobre a tolerância ao risco e sobre a propensão a investir em ativos de maior volatilidade, sendo, em muitos casos, mais determinante que o próprio conhecimento técnico objetivo (BORBA; REIS, 2022; AMONHAEMANON, 2023).

Investidores com elevada percepção de educação financeira tendem a se sentir mais confortáveis ao optar por ativos de retorno variável, como ações ou fundos multimercado (RABBI, 2024), disposição que se intensifica com o uso de ferramentas tecnológicas de apoio à decisão financeira, as quais facilitam o acesso à informação e a análise de alternativas (KHADKA, 2023). A autopercepção de conhecimento também impacta a diversificação de portfólios e o retorno obtido nos investimentos, sobretudo quando associada a níveis elevados de escolaridade (WANG et al., 2024), já que a confiança decorrente da percepção de preparo estimula comportamentos financeiros mais complexos, incluindo maior diversificação e busca por produtos diferenciados (BAIHAQQY et al., 2020).

Há de se distinguir, contudo, o conhecimento percebido do efetivamente detido pelos indivíduos, já que a percepção tende a influenciar as decisões de investimento de modo mais significativo que o conhecimento real (AMONHAEMANON, 2023). A confiança resultante dessa autopercepção pode reduzir o receio ao risco, mas também conduzir a decisões equivocadas quando a avaliação sobre o próprio preparo está superestimada em relação à realidade (MUDZINGIRI, 2024). Essa dinâmica se reflete nas escolhas por produtos financeiros: níveis inferiores de educação financeira percebida associam-se à predominância de ativos conservadores, como poupança, CDBs e previdência privada (DHIRAN, 2024; KHADKA, 2023), ao passo que níveis superiores de autopercepção impulsionam o interesse por produtos de maior risco e potencial retorno, como ações e fundos multimercado, intensificando o grau de diversificação da carteira (ISPIERTO; MARTÍNEZ-GARCÍA; RUIZ SUÁREZ, 2021; ZHAO; ZHANG, 2021).

Quadro 2 – Nível de educação financeira percebida e escolhas de investimento

Nível de Educação Financeira Percebida	Perfil Comportamental Típico	Produtos de Investimento Preferidos	Estratégia de Alocação de Recursos
Baixo	Cauteloso, avesso ao risco	Poupança, CDBs, previdência privada	Preservação de capital, baixa diversificação
Intermediário	Moderado, busca equilíbrio	Fundos multimercado, debêntures, fundos imobiliários	Combinação de segurança e crescimento
Alto	Arrojado, confiante	Ações, ETFs, criptomoedas, fundos de ações	Alto risco, foco em retorno de longo prazo

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Dhiran (2024); Khadka (2023); Rabbi (2024); Baihaqqy et al. (2020); Wang et al. (2024); Zhao e Zhang (2021).

O quadro 2 evidencia a existência de uma relação direta entre os níveis de educação financeira percebida e as escolhas de produtos de investimento pelos estudantes universitários: indivíduos com baixa autopercepção de conhecimento financeiro demonstram maior inclinação a alternativas conservadoras, como a poupança e outros instrumentos de renda fixa, em uma estratégia orientada pela aversão ao risco.

Em contraste, à medida que se eleva a percepção de domínio sobre conceitos e práticas financeiras, amplia-se a diversidade dos produtos selecionados, incluindo opções de maior complexidade e potencial de retorno, como fundos multimercado, ações e criptomoedas, o que sugere que a autoconfiança associada à educação financeira percebida desempenha papel importante no estímulo à diversificação de carteiras e à assunção de riscos calculados (AMONHAEMANON, 2023; MUDZINGIRI, 2024).

Entre universitários, estudantes com autopercepção elevada de conhecimento tendem a diversificar mais seus investimentos, migrando para além da tradicional poupança, sobretudo quando têm acesso a programas de educação financeira formal (DHIRAN, 2024; RABBI, 2024), fator ao qual se soma a exposição assídua a conteúdos digitais e plataformas tecnológicas como estímulo adicional à autoeficácia financeira (BORBA; REIS, 2022; KHADKA, 2023). A percepção de preparo financeiro, aliada à exposição acadêmica, atua assim como elemento de transformação do perfil do investidor universitário, o que evidencia o papel das disciplinas de finanças e das experiências práticas na evolução do comportamento financeiro desses indivíduos (TEIXEIRA et al., 2023; BAIHAQQY et al., 2020). Essa relação é o que a metodologia a seguir busca examinar empiricamente.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa classifica-se como descritiva, de abordagem quantitativa, com o objetivo de analisar o perfil de investidor de estudantes do ensino superior e verificar se suas escolhas de produtos financeiros refletem, de maneira coerente, o perfil declarado. A opção pela abordagem quantitativa se justifica por permitir a aplicação de instrumentos padronizados de coleta, além de possibilitar testes estatísticos objetivos que contribuem para conclusões sólidas e generalizáveis (MARCONI; LAKATOS, 2004).

3.2 Hipótese de Pesquisa

A pesquisa parte da formulação de duas hipóteses, testadas a partir dos dados coletados: H0 (hipótese nula): o nível de educação financeira percebida dos estudantes universitários não influencia significativamente o seu perfil de investidor; e H1 (hipótese alternativa): o nível de educação financeira percebida dos estudantes universitários influencia significativamente o seu perfil de investidor. Essas hipóteses orientam a investigação da relação entre a percepção que os estudantes possuem acerca de sua educação financeira e as características que definem seus perfis de investimento, buscando compreender se a educação financeira tem impacto no comportamento financeiro desses indivíduos.

3.3 Amostra e Coleta de Dados

A amostra foi composta por 118 estudantes do ensino superior vinculados a cursos da Escola de Negócios de um Centro Universitário situado na zona norte do município do Rio de Janeiro. A seleção foi não probabilística por conveniência, e os dados foram coletados entre 15 de março e 5 de abril de 2025, por meio de questionário estruturado disponibilizado na plataforma Google Forms. A participação foi anônima, voluntária e mediante consentimento livre e esclarecido, conforme princípios éticos de pesquisas com seres humanos.

3.4 Instrumento de Pesquisa

O questionário utilizado foi adaptado a partir do modelo proposto por Lucci et al. (2006), amplamente empregado em pesquisas nacionais sobre educação financeira e comportamento de investidores, organizado em quatro blocos temáticos: informações sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, curso e faixa de renda mensal); educação financeira percebida, mensurada por escala Likert de cinco pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente); perfil de investidor, com identificação de traços comportamentais relacionados à disposição ao risco, à tolerância a perdas e aos objetivos financeiros; e escolhas financeiras, que identificam os produtos atualmente utilizados: poupança, renda fixa (CDB, LCI/LCA, Tesouro Direto), fundos de investimento, ações, criptomoedas, previdência privada, entre outros; admitindo-se múltiplas respostas.

3.5 Construção das Variáveis

A variável dependente do estudo, perfil do investidor, foi construída a partir da média das respostas a quatro afirmações do Bloco 3 do questionário, todas relacionadas à propensão ao risco: (1) “Tenho conhecimento sobre diferentes tipos de investimentos e seus riscos”; (2) “Considero meu perfil como um investidor arrojado, que busca maior rentabilidade mesmo assumindo riscos”; (3) “Prefiro investimentos seguros, mesmo que a rentabilidade seja menor”; e (4) “Se eu recebesse uma quantia inesperada de dinheiro, eu investiria em ativos de maior risco”. Todas as afirmações foram avaliadas por escala Likert de cinco pontos (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente).

O índice resultante variou entre 1 e 5, sendo que médias mais altas indicam maior propensão ao risco. Com base na distribuição empírica da amostra, os respondentes foram classificados em três grupos: 1,0 a 2,0 (perfil conservador); 2,1 a 3,5 (perfil moderado); e 3,6 a 5,0 (perfil arrojado). Esse critério segue o proposto por Potrich, Vieira e Kirch (2015b). A distribuição do índice foi testada quanto à normalidade pelo teste de Shapiro-Wilk, que indicou não normalidade ($p < 0,05$), justificando a adoção de métodos estatísticos não paramétricos nas análises inferenciais.

Além disso, foi construído o Índice de Educação Financeira Percebida, calculado pela média das respostas a três afirmações do Bloco 2: (1) “Sinto que possuo conhecimento suficiente para tomar decisões financeiras conscientes”; (2) “Consigo compreender e calcular taxas de juros e seus impactos nas finanças pessoais”; e (3) “Tenho conhecimento sobre inflação e como ela impacta meus investimentos e poder de compra”. Complementarmente, elaborou-se o Índice de Conservadorismo Financeiro, obtido pela soma dos produtos de menor risco selecionados (poupança, renda fixa e previdência privada), com pontuação de 0 a 3, refletindo o grau de adesão a estratégias conservadoras. As variáveis utilizadas no modelo de análise estão detalhadas no quadro 3.

Quadro 3 – Descrição das variáveis utilizadas na análise

Variável	Descrição
Variável dependente	
Perfil do investidor	Variável categórica: assume os valores 1 (perfil conservador); 2 (perfil moderado) e 3 (perfil arrojado)
Variáveis explicativas	
Sexo	Variável binária: assume valor 1 se o estudante for do sexo feminino e 0 caso contrário
Idade	Variável categórica: 1 (menos de 20 anos); 2 (20 a 25 anos); 3 (26 a 30 anos); 4 (31 a 40 anos); 5 (acima de 40 anos)
Pós-graduação	Variável binária: assume valor 1 se o estudante possui pós-graduação e 0 caso contrário
Renda	Variável categórica: 1 (até R\$ 3.000); 2 (R\$ 3.001 a R\$ 5.000); 3 (R\$ 5.001 a R\$ 8.000); 4 (acima de R\$ 8.000)
Índice de educação financeira percebida	Variável contínua: valores entre 1 e 5, sendo que valores mais altos indicam maior percepção de domínio sobre conceitos financeiros
Índice de conservadorismo financeiro	Variável categórica: valores de 0 a 3, conforme a soma dos produtos financeiros conservadores utilizados
Frequência de poupança	Variável binária: assume valor 1 se o estudante poupa com frequência regular ou sempre e 0 caso poupe de forma esporádica ou nunca
Acompanha investimentos	Variável binária: assume valor 1 se acompanha seus investimentos frequentemente e 0 caso não acompanhe ou o faça de forma rara
Usa consultores financeiros	Variável binária: assume valor 1 se usa consultor financeiro como fonte de informação e 0 caso use outras fontes
Usa redes sociais	Variável binária: assume valor 1 se utiliza redes sociais como fonte de conteúdo financeiro e 0 caso use outras fontes
Usa cursos e livros de educação financeira	Variável binária: assume valor 1 se participa de cursos sobre finanças ou investimentos e 0 caso use outras fontes
Diversificação de investimento	Variável categórica: valores de 1 a 5 conforme o grau de concordância com “Procuro diversificar meus investimentos entre diferentes produtos e setores”
Motivação: aposentadoria	Variável binária: assume valor 1 caso o respondente tenha indicado “Aposentadoria” como motivação para investir; 0 caso contrário
Motivação: segurança financeira	Variável binária: assume valor 1 caso indicado “Segurança financeira” como motivação; 0 caso contrário
Motivação: acumular patrimônio	Variável binária: assume valor 1 caso indicado “Acumular patrimônio” como motivação; 0 caso contrário
Motivação: aumentar renda e ganhos financeiros	Variável binária: assume valor 1 caso indicado “Aumentar renda e obter maiores ganhos financeiros” como motivação; 0 caso contrário

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados coletados, 2025.

O quadro 3 sintetiza as variáveis empregadas na análise quantitativa, detalhando definições, categorias e formas de mensuração, sistematização que contribui para a transparência metodológica, a replicabilidade da pesquisa e a adequada aplicação dos testes estatísticos adotados neste estudo.

3.6 Procedimentos de Análise

As análises estatísticas foram realizadas no software Stata 17.0, em duas etapas principais: descritiva e inferencial. Na primeira, calcularam-se estatísticas descritivas (médias, frequências e percentuais) com o objetivo de caracterizar a amostra e apresentar as variáveis construídas. Na etapa inferencial, aplicou-se inicialmente o teste de normalidade de Shapiro-Wilk, cujos resultados apontaram distribuição não normal para as principais variáveis, justificando a adoção de métodos não paramétricos. A análise principal foi conduzida por meio de regressão logística ordenada, adequada à natureza ordinal da variável dependente, o perfil do investidor (conservador, moderado e arrojado).

Inicialmente, estimou-se o modelo logit ordenado padrão, ao qual se aplicaram testes diagnósticos para verificação da validade dos pressupostos: Wolfe-Gould, Score, Razão de Verossimilhança (LR), Wald e Brant. A detecção de violação do paralelismo no teste de Brant motivou a adoção do logit ordenado generalizado, que permite relaxar essa restrição apenas nas variáveis problemáticas. Antes da estimação, verificou-se ainda a presença de multicolinearidade entre as variáveis explicativas por meio do Fator de Inflação da Variância (VIF); após a estimação, calcularam-se os efeitos marginais médios das variáveis estatisticamente significativas, a fim de proporcionar maior clareza na interpretação prática dos resultados.

3.7 Modelo Logit Ordenado

Para atender ao objetivo da pesquisa, adotou-se o modelo de regressão logística ordenada (logit ordenado), adequado para casos em que a variável dependente é politômica ordenada, ou seja, a variável Y possui mais de duas respostas possíveis com hierarquia entre elas (GREENE; HENSHER, 2008). Nesta pesquisa, a variável resposta refere-se à classificação do perfil do investidor, estruturada em três categorias ordenadas: conservador, moderado e arrojado, refletindo um grau crescente de propensão ao risco.

O modelo parte do pressuposto da existência de uma variável latente contínua não observável Y_i^* , que representa a propensão de o indivíduo i se enquadrar em determinado perfil de investidor, conforme a especificação:

$$Y_i^* = \beta'X_i + \varepsilon_i \quad (1)$$

sendo Y_i^* a variável latente associada ao indivíduo i; X_i o vetor das variáveis independentes (características dos respondentes); β' o vetor de parâmetros a serem

estimados; e ϵ_i o termo de erro aleatório. Como Y_i^* não é diretamente observada, ela é convertida em uma variável categórica ordenada Y_i , a partir de pontos de corte μ_j estimados pelo próprio modelo, de modo que a variável observada assume valores segundo:

$$Y = j, \text{ se } \mu_{j-1} \leq Y^* \leq \mu_j \quad (2)$$

Para determinar o intervalo da variável latente, calculou-se a média das respostas às quatro afirmações do Bloco 3 do questionário, categorizando-se o índice resultante em três grupos que refletem o ordenamento crescente de propensão ao risco: $Y = 1$ (perfil conservador), se $1,0 \leq \text{perfil_investidor} \leq 2,0$; $Y = 2$ (perfil moderado), se $2,1 \leq \text{perfil_investidor} \leq 3,5$; e $Y = 3$ (perfil arrojado), se $3,6 \leq \text{perfil_investidor} \leq 5,0$.

Essa categorização permitiu a construção de uma variável dependente ordinal com três níveis, adequada à estimação por meio do modelo logit ordenado, que estima a probabilidade de um indivíduo pertencer a cada perfil de investidor considerando suas características pessoais e comportamentais, ainda que, para a interpretação prática do modelo, sejam necessários os efeitos marginais. Vale salientar que o modelo logit ordenado pressupõe a hipótese de regressões paralelas; por isso, testes de paralelismo foram empregados após a estimação do modelo logit padrão, conforme Cruz (2010), cujos resultados são apresentados na seção seguinte.

4 RESULTADOS

Os dados foram inicialmente organizados em planilhas do Microsoft Excel, para codificação, checagem e limpeza das respostas, sendo em seguida exportados para o software Stata, versão 17.0, onde foram realizadas as análises estatísticas. A etapa inicial consistiu no levantamento das estatísticas descritivas, com o cálculo das médias das variáveis sociodemográficas e comportamentais dos respondentes (sexo, faixa de renda, escolaridade, hábitos de poupança e fontes de informação financeira), permitindo traçar o perfil geral da amostra e contextualizar a análise inferencial conduzida na sequência. A tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas das variáveis.

4.1 Análise Descritiva

Tabela 1 – Estatísticas descritivas

Variável	Média	Desvio Padrão	IC 95% (inf.)	IC 95% (sup.)	Mínimo	Máximo
Perfil do investidor	1,76	0,77	1,61	1,91	1	3
Educação fin. percebida	3,25	1,31	3,01	3,49	1	5
Frequência de poupança	2,55	0,95	2,36	2,75	1	4
Índice de conservadorismo	1,10	0,72	0,94	1,26	0	3
Pós-graduação	0,23	0,42	0,15	0,30	0	1
Acompanha investimentos	0,58	0,49	0,48	0,67	0	1
Usa consultor financeiro	0,25	0,43	0,17	0,33	0	1
Usa redes sociais	0,50	0,50	0,41	0,59	0	1
Usa cursos ou livros	0,35	0,48	0,26	0,44	0	1
Diversificação de inv.	3,11	1,50	2,80	3,42	1	5
Renda mensal	2,31	1,07	2,09	2,53	1	4
Sexo	0,55	0,50	0,46	0,64	0	1
Idade (categorias)	3,54	1,15	3,32	3,76	1	5
Motivação: aposentadoria	0,09	0,29	0,04	0,14	0	1
Motivação: segurança	0,47	0,50	0,38	0,56	0	1
Motivação: patrimônio	0,12	0,32	0,06	0,18	0	1
Motivação: aumento de renda	0,17	0,38	0,10	0,24	0	1
N. observações						118

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados, 2025.

A análise da tabela 1 evidencia que o perfil médio do investidor na amostra foi de 1,76, indicando a predominância do perfil conservador, resultado alinhado a evidências da literatura que apontam a cautela de investidores iniciantes ou com menor experiência de mercado (SARTI; DE OLIVEIRA; BESSA, 2020). Quanto à educação financeira percebida, a média de 3,25 (IC 95%: 3,01–3,49) indica que os estudantes avaliam seu conhecimento financeiro como moderado, sugerindo a necessidade de intervenções educacionais que ampliem tanto o conhecimento quanto a confiança dos estudantes na gestão financeira (POTRICH et al., 2015a).

Os hábitos de poupança (média de 2,55) revelam comportamento relativamente regular, ainda distante de um padrão fortemente planejado, enquanto a diversificação de investimentos (média de 3,11) indica um nível intermediário de distribuição dos recursos entre diferentes produtos, observando-se, apesar da predominância de produtos conservadores como poupança e renda fixa, a presença de ativos de maior risco (ações, criptomoedas) sobretudo entre os respondentes de perfil arrojado. A renda mensal (média de 2,31) concentra-se nas faixas intermediárias, majoritariamente até R\$ 8.000 (81,36% da amostra), o que pode limitar a capacidade de poupança e o acesso a produtos mais sofisticados de investimento (POTRICH et al., 2015a).

No que se refere ao perfil sociodemográfico, 23% dos participantes possuem pós-graduação, com a maioria ainda em nível de ensino superior em andamento ou concluído, compatível com o público-alvo da pesquisa. A amostra apresenta leve predominância feminina (55%), confirmando tendências observadas em estudos semelhantes sobre cursos de graduação na área de negócios (DARMAYANTI et al., 2022), e concentra-se em faixas etárias jovens adultas, coerentes com o contexto acadêmico do estudo. Quanto aos aspectos comportamentais, 58% dos estudantes afirmam acompanhar ativamente seus investimentos, mas apenas 25% utilizam consultor financeiro, o que sugere que grande parte das decisões é tomada de forma autônoma ou baseada em outras fontes. Redes sociais (50%) e cursos ou livros (35%) figuram como fontes complementares de informação. Por fim, a segurança financeira é o motivo mais citado para investir (47%), enquanto aumento de renda (17%), formação de patrimônio (12%) e aposentadoria (9%) aparecem com menor representatividade, reforçando o caráter conservador da amostra.

Ao analisar os resultados obtidos na matriz de correlação de Spearman (tabela 2), observam-se relações estatisticamente significativas entre diversas variáveis relacionadas ao comportamento financeiro dos estudantes.

Tabela 2 – Matriz de correlação de Spearman

Variáveis	Perfil	Educação	Freq. poupança	Ind. conservad.	Pós-grad.	Acompanha inv.	Usa consultor	Usa redes	Usa cursos	Diversif.	Renda	Sexo	Idade	Motiv. aposent.	Motiv. segur.	Motiv. patrim.	Motiv. renda
Perfil do investidor	1	0.5993*	0.3074*	0.2211*	-0.0537	0.2221*	0.1592	0.0815	0.3777*	0.7002*	0.0696	-0.2108*	0.1024	0.0370	0.0569	-0.0067	0.2026*
Educação fin. percebida	*	1	0.4881*	0.1882*	0.0053	0.3989*	0.1456	-0.071	0.2159*	0.5715*	0.1744	-0.2673*	0.0809	0.1479	0.0890	-0.0745	0.2031*
Frequência de poupança	*	*	1	0.1581	-0.0266	0.5440*	0.1164	0.0102	0.1268	0.3636*	0.0651	0.0078	0.0064	0.0934	0.1599	0.0845	0.0861
Índice de conservadorismo	*	*	*	1	-0.1135	0.3181*	0.0478	0.0599	0.0570	0.3266*	0.0665	-0.1271	-0.0715	0.1023	0.2212*	0.0210	-0.1486
Pós-graduação	*	*	*	*	1	-0.0403	0.0204	-0.189*	0.1124	-0.0759	0.2885*	0.1134	0.4085*	0.0291	0.1268	-0.1330	-0.0807
Acompanha investimentos	*	*	*	*	*	1	0.1831*	0.0957	0.1615	0.3055*	0.1303	-0.1226	-0.0006	-0.0905	0.2294*	0.0175	0.1793
Usa consultor financeiro	*	*	*	*	*	*	1	-0.005	0.2238*	0.1970*	0.2147*	-0.0338	0.1828*	0.0222	0.1058	-0.2025*	0.1295
Usa redes sociais	*	*	*	*	*	*	*	1	0.0667	0.0319	0.0081	0.0427	-0.2212*	-0.0324	0.0787	0.1342	-0.0273
Usa cursos ou livros	*	*	*	*	*	*	*	*	1	0.2988*	0.1701	-0.0592	0.0869	0.1970*	0.0683	-0.2031*	0.1176
Diversificação de inv.	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1	0.1990*	-0.2462*	0.1524	0.2041*	0.1051	-0.0749	0.1072
Renda mensal	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1	-0.2007*	0.2600*	0.1038	0.0655	-0.0832	-0.0190
Sexo	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1	0.0129	0.1063	0.0321	-0.1301	-0.0821
Idade (categorias)	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1	0.1255	0.0038	-0.1510	0.0477
Motivação: aposentadoria	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1	-0.3114*	-0.1161	-0.1447
Motivação: segurança	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1	-0.3418*	-0.4259*
Motivação: patrimônio	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1	-0.1588
Motivação: aumento de renda	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados, 2025. Nota: * $p < 0,05$.

Destaca-se a forte correlação positiva entre perfil do investidor e diversificação de investimentos (0,70), sugerindo que estudantes com perfil mais arrojado tendem a diversificar mais seus investimentos, evidência da consistência entre a autopercepção do perfil e o comportamento real de aplicação financeira. No intervalo das correlações moderadas (entre 0,5 e 0,7), a educação financeira percebida apresenta correlação com o perfil do investidor (0,60) e com a diversificação de investimentos (0,57), indicando que estudantes que se percebem mais educados financeiramente tendem a exibir perfis de investimento mais ativos e práticas mais diversificadas de alocação de recursos.

Destacam-se ainda as relações entre acompanha investimentos e frequência de poupança (0,54), entre acompanha investimentos e educação financeira percebida (0,40), e entre uso de cursos ou livros e perfil do investidor (0,38), associações que reforçam a ligação entre informação, hábito de poupança e postura investidora mais ativa.

Correlações fracas, ainda que estatisticamente significativas, foram observadas entre perfil do investidor e motivação para aumento de renda (0,20), e entre diversificação de investimentos e motivação para segurança (0,11), sugerindo a influência de outros fatores no comportamento financeiro dos estudantes. Correlações negativas também emergem: entre sexo e perfil do investidor (-0,21), indicando que homens tendem a perfis de investimento ligeiramente mais arrojados que mulheres, e entre índice de conservadorismo e motivação para aumento de renda (-0,15), alinhando-se à literatura sobre aversão ao risco. Por fim, algumas relações não se mostraram significativas, como entre uso de redes sociais e educação financeira percebida (-0,07), o que indica que certos comportamentos não guardam associação clara com outras variáveis analisadas.

Para detectar eventual multicolinearidade, utilizou-se o Fator de Inflação da Variância (VIF), cujos resultados são apresentados na tabela 3.

Tabela 3 – Teste VIF

Variável	VIF	1/VIF
Motivação: patrimônio	3,37	0,2965
Motivação: aumento de renda	2,51	0,3984
Motivação: aposentadoria	2,06	0,4851
Motivação: segurança	2,04	0,4913
Educação financeira percebida	2,00	0,5004
Frequência de poupança	1,89	0,5279
Diversificação de investimentos	1,87	0,5335
Acompanha investimentos	1,85	0,5405
Pós-graduação	1,42	0,7061
Idade (categorias)	1,38	0,7231
Índice de conservadorismo	1,36	0,7342
Renda mensal	1,30	0,7689
Sexo	1,28	0,7789
Usa cursos ou livros	1,24	0,8048
Usa redes sociais	1,18	0,8470
Usa consultor financeiro	1,18	0,8471
Média VIF	1,75	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados, 2025.

Todas as variáveis apresentaram valores de VIF inferiores a 5, nenhuma acima do valor crítico de 10. O VIF máximo foi 3,37 (motivação: acumular patrimônio) e o VIF médio, 1,75. Esses resultados evidenciam que o modelo está adequadamente ajustado, sem problemas relevantes de correlação excessiva entre as variáveis explicativas, o que garante maior confiabilidade nas análises e inferências estatísticas realizadas.

4.2 Validação do Modelo

O modelo de perfil de investidor foi inicialmente estimado por meio do logit ordenado padrão, que pressupõe a hipótese de regressões proporcionais (ou retas paralelas), segundo a qual os coeficientes de regressão se mantêm constantes entre as diferentes categorias da variável dependente. Conforme Cruz (2010), a estratégia mais adequada consiste em estimar primeiro o logit ordenado padrão e, em seguida, realizar os testes de paralelismo. Nesta pesquisa, foram utilizados os testes globais de Wolfe-Gould, Score, Razão de Verossimilhança (LR), Wald e o teste de Brant, este último uma variação do teste de Wald que avalia especificamente a validade do pressuposto de paralelismo (tabela 4).

Tabela 4 – Testes de paralelismo

Teste	Qui-quadrado	Gl	p-valor
Wolfe-Gould	18.01	17	0.388
Brant	136.5	17	0.000
Score	20.64	17	0.243
Likelihood ratio	21.78	17	0.193
Wald	15.99	17	0.525

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados, 2025.

A maioria dos testes (Wolfe-Gould, Score, Razão de Verossimilhança e Wald) não rejeitou a hipótese nula de paralelismo ($p > 0,05$), indicando que, de forma geral, a suposição de regressões paralelas é plausível para o modelo. O teste de Brant, contudo, apresentou resultado significativo ($p < 0,001$), sugerindo violação da hipótese de probabilidades proporcionais para algumas variáveis, no caso, *usa_redes* e *usa_cursos*, cujos valores de p foram inferiores a 0,05. Diante disso, optou-se pela estimação do modelo logit ordenado generalizado (*gologit2*), conforme proposto por Williams (2006), que permite relaxar a restrição de paralelismo apenas para as variáveis que a violam. O teste global de Wald para o modelo final não rejeitou a hipótese de linhas paralelas para as demais variáveis ($\chi^2(14) = 8,77$; $p = 0,8457$), confirmando a adequação do modelo generalizado.

4.3 Resultados do Modelo Logit Ordenado Generalizado

Em modelos com variável de resposta ordenada, como o perfil de investidor, os coeficientes estimados não podem ser interpretados diretamente, razão pela qual se calculam os efeitos marginais, que demonstram como a variação em uma variável explicativa afeta a probabilidade de o participante estar em cada categoria do perfil (conservador, moderado ou arrojado). Os resultados, com destaque para as associações estatisticamente significativas ($p < 0,05$), são apresentados na tabela 5.

Tabela 5 – Efeitos marginais para os perfis de investidor

Variáveis	$\partial Y/\partial X = 1$ (Conservador)	$\partial Y/\partial X = 2$ (Moderado)	$\partial Y/\partial X = 3$ (Arrojado)
Índice educação financeira	-0.0983*	-0.0076	0.1059*
Frequência de poupança	0.0058	0.0004	-0.0063
Índice de conservadorismo	-0.0219	-0.0017	0.0236
Pós-graduação	0.0159	0.0012	-0.0171
Acompanha investimento	0.1169*	0.0090	-0.1259*
Usa consultor financeiro	0.0297	0.0023	-0.0320
Usa redes sociais	-0.1319*	0.1678*	-0.0359
Usa cursos/livros	-0.2468*	0.1870*	0.0598
Diversificação de investimento	-0.1218*	-0.0094	0.1312*
Renda (categorias)	0.0202	0.0016	-0.0217
Sexo (feminino = 1)	-0.0418	-0.0032	0.0450
Idade (categorias)	-0.0046	-0.0004	0.0049
Motivação: aposentadoria	0.1806	0.0139	-0.1945
Motivação: segurança financeira	0.0061	0.0005	-0.0065
Motivação: acumular patrimônio	-0.0920	-0.0071	0.0991
Motivação: aumentar ganhos	-0.0938	-0.0072	0.1010
N. observações	115	115	115

*Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados, 2025. Nota: * p-valor < 0,05. O modelo foi estimado com 115 observações, pois 3 casos da amostra original (n = 118) foram automaticamente excluídos por serem completamente determinados.*

O índice de educação financeira percebida figurou entre as variáveis mais relevantes para explicar a classificação dos estudantes nos perfis conservador, moderado ou arrojado, apresentando significância estatística nas três categorias do perfil de investidor. A cada aumento de uma unidade nesse índice, a chance de o estudante ser classificado como conservador reduz-se em aproximadamente 9,83%, ao passo que a chance de classificação no perfil arrojado aumenta cerca de 10,59%, resultado que reforça a hipótese de que maior percepção de conhecimento financeiro está associada à disposição para assumir mais riscos (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015b; SCHAUREN, 2018; PAIVA et al., 2020; SANTOS et al., 2022), na linha do que destacam Zhao e Zhang (2021) ao afirmarem que indivíduos com maior percepção de preparo financeiro tendem a se posicionar de forma mais arrojada, diversificando seus portfólios com ativos de maior volatilidade e potencial de retorno.

O uso de redes sociais e de cursos e livros de educação financeira também apresentou efeitos significativos: estudantes que relataram utilizar redes sociais tiveram probabilidade 13,19% menor de serem classificados como conservadores e 16,78% maior de serem moderados, enquanto o uso de cursos e livros reduziu em 24,68% a chance de perfil conservador e aumentou em 18,70% a de perfil moderado, resultados que sugerem que a busca ativa por conhecimento formal ou digital contribui para perfis menos conservadores, em consonância com Lusardi e Mitchell (2014). A diversificação de investimentos também impactou significativamente a classificação do perfil: praticar a diversificação reduziu em 12,18% a probabilidade de perfil conservador e aumentou em 13,12% a de perfil arrojado.

Já a variável acompanha investimento apresentou efeito na direção oposta, aumentando em 11,69% a probabilidade de perfil conservador e reduzindo em 12,59% a chance de perfil arrojado, sugerindo um efeito de cautela entre os que acompanham seus investimentos de perto.

Em síntese, os resultados demonstram que a educação financeira percebida não é apenas relevante para explicar o perfil de investidor, mas também atua como elo entre a formação acadêmica dos estudantes e suas atitudes reais diante do dinheiro, como o tipo de investimento escolhido ou o risco que estão dispostos a assumir. A literatura recente reforça que a autopercepção de preparo pode influenciar mais fortemente que o conhecimento técnico real (AMONHAEMANON, 2023; MUDZINGIRI, 2024), especialmente entre universitários, o que sugere que políticas de educação financeira capazes de promover experiências práticas, acesso a conteúdo didático e ferramentas digitais podem contribuir para a formação de perfis mais conscientes, informados e diversificados no mercado financeiro.

5 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos confirmam que a autopercepção de conhecimento financeiro constitui fator relevante para explicar tanto o perfil de investidor quanto a coerência entre esse perfil e as escolhas efetivas de produtos financeiros entre os estudantes universitários pesquisados. A análise do perfil sociodemográfico evidenciou predominância do sexo feminino na amostra, inserida majoritariamente em faixas de renda intermediária e baixa, o que corrobora tendências já discutidas na literatura sobre participação feminina no ensino superior e seus possíveis reflexos na aversão ao risco em investimentos (POTRICH et al., 2015a; DARMAYANTI et al., 2022).

A percepção de educação financeira dos respondentes mostrou-se polarizada, com parcela expressiva autodeclarando alto domínio do tema e outra parcela semelhante relatando baixo conhecimento, resultado que ressalta a existência de autopercepções díspares quanto ao preparo para a tomada de decisões financeiras, especialmente no que se refere ao entendimento de riscos, taxas de juros e inflação (AMONHAEMANON, 2023; WANG et al., 2024). Essa autopercepção, enquanto constructo subjetivo, demonstrou forte aderência ao perfil do investidor, influenciando tanto as escolhas pessoais quanto a disposição diante de ativos de maior volatilidade (ZHAO; ZHANG, 2021).

Quanto ao perfil de investidor e às escolhas de produtos financeiros, os dados apontaram predominância do perfil conservador, manifestada pela preferência por aplicações de baixa volatilidade, como poupança e renda fixa, ainda que perfis moderados e arrojados tenham se mostrado presentes, sobretudo entre os indivíduos com maior exposição a conteúdos de educação financeira formal.

A análise cruzada evidenciou relação significativa entre a percepção de conhecimento financeiro e a disposição para diversificação do portfólio, o que se coaduna com os achados de Potrich et al. (2015a) e de Paiva et al. (2020), enquanto o uso de produtos de maior risco, como ações e criptomoedas, foi reportado por uma minoria, demonstrando que a autopercepção de domínio avança de forma heterogênea na amostra.

Em resposta ao problema de pesquisa, os dados permitem afirmar que as escolhas de produtos financeiros realizadas pelos estudantes universitários refletem, em grande medida, o perfil de investidor autodeclarado: perfis conservadores mantêm aderência elevada a produtos tradicionais, enquanto perfis arrojados, ainda que minoritários, exibem maior propensão à diversificação e a alternativas de maior risco. Tal coerência reforça a importância de variáveis subjetivas, como a autopercepção da educação financeira, para a compreensão da dinâmica de decisão desses indivíduos (POTRICH et al., 2015a; MUDZINGIRI, 2024), confirmando que o objetivo do estudo foi alcançado ao demonstrar, de maneira estatisticamente robusta, a associação entre percepção de preparo financeiro, perfil do investidor e escolhas efetivas de produtos financeiros. Esses achados são consistentes com a literatura nacional e internacional sobre o impacto da autoconfiança e da experiência prévia no comportamento diante de instrumentos financeiros mais complexos (LUSARDI; MITCHELL, 2014; AMONHAEMANON, 2023).

Cabe destacar, contudo, algumas limitações do estudo: por se tratar de amostra não probabilística, composta exclusivamente por estudantes de uma única instituição de ensino superior da zona norte do Rio de Janeiro, os resultados não podem ser generalizados a outros contextos sem o devido cuidado metodológico, e o uso de questionário autodeclaratório pode estar sujeito a vieses de resposta e à limitação no acesso às motivações e aos fatores extrínsecos que afetam as decisões financeiras dos respondentes. Recomenda-se que pesquisas futuras ampliem a abrangência amostral, incluindo estudantes de diferentes regiões, cursos e perfis socioeconômicos, e aprofundem a investigação por meio de instrumentos qualitativos, entrevistas e grupos focais, por exemplo, capazes de captar nuances comportamentais e subjetivas na tomada de decisão financeira. Estudos longitudinais também se mostram relevantes para compreender a evolução do perfil do investidor ao longo do processo formativo e o impacto de políticas educacionais específicas sobre a inclusão financeira dos jovens universitários.

REFERÊNCIAS

AMONHAEMANON, Dalina. Financial stress and gambling motivation: the importance of financial literacy. **Review of Behavioral Finance**, v. 16, n. 2, p. 248-265, 2023. DOI: 10.1108/RBF-01-2023-0026.

BAIHAQQY, Mochammad Rizaldy Insan et al. The effect of financial literacy on the investment decision. **Budapest International Research and Critics Institute-Journal (BIRCI-Journal)**, v. 3, n. 4, p. 3073-3083, 2020. DOI: 10.33258/birci.v3i4.1449.

BITTENCOURT, José Antônio et al. Análise de relação entre o perfil de investidor, a realidade do mercado de renda fixa e variável e a teoria de aversão à perda. **Revista Razão Contábil & Finanças**, v. 9, n. 2, p. 1-24, 2018.

BORBA, Larissa Fernanda; REIS, Davi Lemos. Potenciais investidores no mercado financeiro: perfil, motivações e preferências. **Caderno de Administração**, v. 30, n. 2, p. 60-75, 2022. DOI: 10.4025/cadadm.v30i2.62002.

CRUZ, Mércia Santos da. **Atitudes, expectativas e discriminação no mercado de trabalho brasileiro**. 2010. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

DALPIÁS, Élide Cristina; CARITÁ, Edilson Carlos. Conhecimento de estudantes de uma instituição de ensino superior privada do Vale do Jamari relativo à educação financeira. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 14, n. 1, p. 385-401, 2023.

DARMAYANTI, Ni Putu Ayu et al. Revisiting investor behaviour in risky investment decision making. **Jurnal Minds: Manajemen Ide dan Inspirasi**, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2022. DOI: 10.2492/jminds.v9i1.2022.01.18.

DE FAVERI, Dinorá Baldo; PINTO, Gabriela Luiza. Análise do perfil dos investidores de uma cooperativa de crédito. **Revista Valore**, v. 8, 2023.

DE SENA COSTA, Ingrid Laís; DE SOUSA CORREIA, Thamirys; LUCENA, Wenner Glaucio Lopes. Impacto do excesso de confiança na estrutura de capital: evidências no Brasil e nos Estados Unidos. **Base Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 16, n. 2, p. 173-199, 2019. DOI: 10.4025/base.v16i2.11584.

DHIRAN, Nitish Kumar. Impact of financial literacy on investment behavior: evidence from emerging markets. **Journal of Financial Planning and Analysis**, v. 15, n. 3, p. 78-95, 2024.

FERREIRA-SCHENK, Sune; DICKASON-KOEKEMOER, Zandri. Analysing the factors affecting the long-term investment intention of investors. **International Journal of Economics and Financial Issues**, v. 13, n. 1, p. 112-120, 2023.

FONSECA, Camila Veneo Campos; SILVEIRA, Rodrigo Lanna Franco da; HIRATUKA, Célio. Heterogeneidade dos investidores institucionais: evidências entre companhias não financeiras brasileiras. **Estudos Econômicos** (São Paulo), v. 50, n. 3, p. 411-446, 2020. DOI: 10.1590/0101-41615035ccf.

GREENE, William H.; HENSHER, David A. **Modeling ordered choices: a primer and recent developments**. New York: Department of Economics, Stern School of Business, New York University, 2008. (Working Paper).

ISPIERTO, Anna; MARTÍNEZ-GARCÍA, Irma; RUIZ SUÁREZ, Gloria. Educación financiera y decisiones de ahorro e inversión: un análisis de la Encuesta de Competencias Financieras (ECF). Madrid: Comisión Nacional del Mercado de Valores, 2021.

KHADKA, Ajaya Kumar. Assessing the influence of financial literacy and economic independence on investment decisions. **Nepal Journal of Multidisciplinary Research**, v. 6, n. 4, p. 161-173, 2023. DOI: 10.3126/njmr.v6i4.56846.

LUCCI, Cintia Retz et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, 2006.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. **American Economic Journal: Journal of Economic Literature**, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014. DOI: 10.1257/jel.52.1.5.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

MONTEIRO, Beatriz Azevedo; BRESSAN, Aureliano Angel. Efeito de enquadramento da informação na percepção de risco em investimentos. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 32, p. 285-300, 2021. DOI: 10.1590/1808-072X202000007.

MUDZINGIRI, Calvin. The effect of financial literacy confidence on financial risk preference confidence: a lab experiment approach. **SAGE Open**, v. 14, n. 2, 2024. DOI: 10.1177/21582440241253911.

PAIVA, Raiane Thainá et al. O perfil do investidor individual no mercado financeiro. **Revista Vianna Sapiens**, v. 11, n. 2, p. 30-30, 2020.

POTRICH, Ani Caroline Grigion et al. Educação financeira dos gaúchos: proposição de uma medida e relação com as variáveis socioeconômicas e demográficas. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 9, n. 3, 2015a. DOI: 10.21175/scg.v9i3.1098.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; KIRCH, Guilherme. Determinants of financial literacy: analysis of the influence of socioeconomic and demographic variables. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, p. 362-377, 2015b. DOI: 10.1590/1808-072X201512400.

RABBI, Sheikh Hasib Reza. **The influence of financial literacy on investment patterns among young adults in Bangladesh**. 2024. Tese (Doutorado) – Brac University, Dacca, 2024.

RIBEIRO, Quezia Diniz Martins et al. Educação financeira como política pública no Brasil e seus potenciais impactos no orçamento familiar. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, jul. 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.18213.

SANTOS, Érica Teixeira dos et al. Como jovens universitários de baixa renda lidam com as preferências ao risco e tempo no Brasil? **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 33, 2022. DOI: 10.1590/1808-072X202200150.

SARTI, Adriano Bonela; DE OLIVEIRA, Igor Meireles; BESSA, Lucas Marin. Relação entre os perfis de investidores, produtos financeiros e riscos no mercado financeiro brasileiro. **Revista Ifes Ciência**, v. 6, n. 4, p. 177-190, 2020.

SCHAUREN, Mariano Luis. **Mercado de ações: análise do perfil para investimentos dos estudantes de ensino superior do Vale do Taquari**. 2018. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2018.

SILVA, Danilo Roberto Alves da et al. Influência da educação financeira no perfil de investidor de alunos universitários. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 245-267, abr./jun. 2023. DOI: 10.5902/1983465969567.

TEIXEIRA, Silvana Carvalho et al. Influência da educação financeira sobre o perfil do investidor universitário. **Revista Brasileira de Finanças**, v. 21, n. 1, p. 1-27, jan./mar. 2023.

WANG, Zhiyong et al. Financial literacy, education, and investment returns: evidence from a large-scale survey in China. **Journal of Behavioral and Experimental Finance**, v. 34, jun. 2024. DOI: 10.1016/j.jbef.2024.100716.

WILLIAMS, Richard. Generalized ordered logit/partial proportional odds models for ordinal dependent variables. **The Stata Journal**, v. 6, n. 1, p. 58-82, 2006. DOI: 10.1177/1536867X0600600104.

ZHAO, Haidong; ZHANG, Lini. Financial literacy or investment experience: which is more influential in cryptocurrency investment? **International Journal of Bank Marketing**, v. 39, n. 7, p. 1208-1226, 2021. DOI: 10.1108/IJBM-07-2020-0382.